

**INICIAÇÃO CIENTÍFICA E
EPISTEMOLOGIA DA
COMUNICAÇÃO:
subjetividade e afetividade
na pesquisa**

**JUNIOR RESEARCH AND
EPISTEMOLOGY: affects and
subjectivity**

**INICIACIÓN CIENTÍFICA Y
EPISTEMOLOGIA DE LA
COMUNICACIÓN: afectividad y
subjectividad en la investigación**

Luis Mauro Sá Martino¹

Vitória P. Amá²

Rafaela Artero do Nascimento³

Fabíola Balaratti Chechetto^{4, 5}

RESUMO

Este texto delinea o processo de tomada de decisões epistemológicas por alunas e alunos de graduação na elaboração de pesquisas de Iniciação Científica realizadas na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo, entre 2016 e 2017. Catorze pesquisadores discentes foram entrevistados, focalizando três momentos: (a) a escolha do objeto de pesquisa; (b) a definição do referencial teórico e (c) a experiência de pesquisa como um todo. Os resultados sugerem a

¹ Graduação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (FCL). Especialização em Teorias e Técnicas da Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero (FCL). Mestrado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: smartino@gmail.com.

² Graduanda em Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. Foi bolsista de Iniciação Científica do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero (2017). E-mail: vitzsche@gmail.com.

³ Graduanda em Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero. Foi bolsista de Iniciação Científica do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero (2017). E-mail: rafa.artero.n@gmail.com.

⁴ Mestranda em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Foi bolsista de Iniciação Científica do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero (2017). E-mail: fabiolachechetto@gmail.com.

⁵ Endereço de contato do autor (por correio): Av. Paulista, 900, Cerqueira César. CEP: 01310940 - São Paulo, SP - Brasil.

presença de um forte componente subjetivo e afetivo nas escolhas articulado com as dinâmicas de campo e demandas formais de pesquisa. Além disso, os pesquisados indicam o potencial de desafio e transformação no todo da experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Iniciação Científica; Comunicação; Epistemologia; Pesquisa

ABSTRACT

This text presents the results of interviews conducted to understand some epistemological aspects of research developed at Casper Libero Faculty of Media by undergraduates. The in-depth interviews with the junior researchers focused on three main research aspects: (a) the definition of the research object, (b) the choice of the theoretical frame and (c) the moment of writing. Main findings have shown that students highlight as “good experiences” a high degree of autonomy in the subject’s choice blended with a supportive, non-directive, supervision for theory and writing.

KEYWORDS: Theory; Epistemology; Junior Research; Communication

RESUMEN

Este texto delinea el proceso de toma de decisiones epistemológicas por estudiantes de graduación en la elaboración de investigaciones de Iniciación Científica realizadas en la Facultad Casper Líbero, en São Paulo, entre 2016 y 2017. Catorce investigadores discentes fueron entrevistados, enfocando tres momentos: (a) la elección del objeto de pesquisa; (b) la definición del referencial teórico y (c) la experiencia de investigación como un todo. Los resultados sugieren la presencia de un fuerte componente subjetivo y afectivo en todo proceso, articulado con las dinámicas de campo y demandas formales de investigación. Además, los encuestados indican el potencial de desafío y transformación en el todo de la experiencia.

PALABRAS CLAVE: Iniciación Científica; Pesquisa; Epistemologia; Comunicação

Recebido em: 02.06.2018. Aceito em: 12.08.2018. Publicado em: 08.10.2018.

Introdução

A pesquisa desenvolvida na graduação, sobretudo em sua forma de Iniciação Científica, vem ganhando um crescente espaço nos últimos anos. Eventos de larga abrangência, como o Congresso Nacional de Iniciação Científica – Conic, vem sendo acompanhados de ações locais, a exemplo de mostras, painéis e encontros dedicados à promover e incentivar a pesquisa em Graduação.

No âmbito da Comunicação, é possível observar o interesse e o crescimento desse tipo de atividade, entre outros espaços, pela consolidação da Intercom Júnior, voltada exclusivamente para esse público, ou pela revista Anagrama, da ECA-USP, dedicada à publicação de artigos de graduandos. Finalmente, é possível encontrar em universidades públicas e particulares a alocação de tempo e recursos para a pesquisa discente.

Observa-se também um progressivo número de reflexões acadêmicas sobre o tema, como sugerem os trabalhos de Becker (2006), Guterres (2006), Nogueira e Canaan (2009), Massi e Queiroz (2010), Bianchetti *et alli* (2012), Lima (2016) e Queiroz (2016), em uma lista que está longe de ser completa.

Esse movimento parece atuar no sentido de corrigir, ainda que em um raio de ação limitado por questões políticas e econômicas, um problema apontado já por Abramo (1979) ao indicar que o aluno de graduação, em sua maior parte, não chega à universidade imaginando-se como um produtor de conhecimento a partir da pesquisa, mas como um receptor de ideias já elaboradas com as quais deve apenas se familiarizar.

Se, certamente, caminha-se ainda em um ritmo lento no sentido de ampliar o alcance dessas atividades, muitas vezes inviabilizadas pelas dificuldades econômicas de se levar a cabo uma pesquisa, por outro lado é

possível observar o crescimento e a consolidação da pesquisa em graduação, em particular na Área de Comunicação.

Este texto nasce de um problema prático e, em certa medida, traz em si as marcas e as linhas de questionamento em sua origem. Por isso, nesta primeira parte, procura-se contextualizar de que maneira os questionamentos em sua base foram formulados.

O trabalho foi ganhando seu desenho de pesquisa aos poucos, como uma espécie de “meta-pesquisa” na qual, a partir de perspectivas epistemológicas, foi possível olhar para o que Bourdieu (1980, p.280) denomina “a cozinha das ciências”, procurando compreender processos decisórios muitas vezes deixados de lado na prática acadêmica. Trata-se, portanto, de uma mirada sobretudo reflexiva, na qual o exame dos processos de pesquisa nunca deixou de lado o fato de se constituírem também em uma prática de pesquisa; nunca a reflexão foi desenvolvida fora do auto-questionamento.

Esta pesquisa foi desenvolvida no âmbito das atividades de iniciação científica por alunas então vinculadas ao Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero, responsável pela concessão de bolsas de pesquisa para docentes e estudantes de graduação. As pesquisadoras estavam vinculadas ao Grupo de Pesquisa Teorias e Processos da Comunicação. Sediado no Mestrado em Comunicação da Faculdade, tem como um de seus focos a investigação dos processos epistemológicos da Comunicação, em particular as questões relacionadas à problemática da(s) Teoria(s) da Comunicação. Essa discussão, longe de pleitear qualquer novidade, situa-se em uma larga genealogia, dentre as quais seria possível citar, os trabalhos de França (2001; 2014), L. C. Martino (2007a, 2007b), Braga (2010), Marcondes Filho (2011) e Ferrara (2013), Martino (2016) e Martino e Marques (2017), entre outros.

Uma vez aprovadas no processo seletivo, passaram a participar de reuniões semanais de orientação, nas quais eram debatidos textos sobre Epistemologia da Comunicação escritos por algumas das principais pesquisadoras e pesquisadores da Área. Buscou-se, desde o início, a pluralidade de pontos de vista, procurando manter a coerência com a proposta do Grupo de Pesquisa, colocando a pergunta pelos fundamentos epistemológicos das teorias da Comunicação acima da necessidade de encontrar uma resposta. Ao mesmo tempo, cada uma das bolsistas de iniciação científica desenvolveu seu próprio projeto, em um movimento duplo de prática de pesquisa e questionamento epistemológico.

Entendendo a pesquisa como “tomada de decisões”, no sentido proposto por Braga (2011), entendeu-se, desde o início, que um dos lugares de questionamento epistemológico a ser observado era exatamente o momento – e, principalmente, os fundamentos – dessas decisões: em que estavam fundamentadas as escolhas epistemológicas de uma pesquisa? Com quais critérios se decidia que um objeto, ou um viés, era de “comunicação”? Na aproximação com o aparato teórico da Área, como decidir que uma teoria era “Teoria da Comunicação”? Buscava-se, no sentido trabalhado por Signates (2012), compreender o que haveria de “propriamente comunicacional” dentro de uma pesquisa elaborada na Área de Comunicação.

Ao mesmo tempo, logo de saída se observou a presença de um elemento afetivo dentro do processo de tomada de decisões. Se é possível ecoar algo de Bachelard (1989), a racionalidade “diurna” das escolhas epistemológicas não poderia ser separada de um “inconsciente”, uma afetividade “noturna” no processo de decisão de um trabalho acadêmico. Como foi possível ressaltar em outro momento, a “afetividade do conhecimento” não

pode ser negligenciada como fator de interesse dentro da produção epistemológica (Martino; Marques, 2017).

As escolhas de objeto, os vínculos com esta autora ou aquele pesquisador, a relação de aproximação com os textos lidos a cada reunião de orientação, e mesmo os elementos pessoais e institucionais presentes no contexto da pesquisa, eram considerados e problematizados. Esses processos, se não terminam por constituir uma epistemologia entendida como questionamento de uma razão científica pura, por outro lado levam em conta a prescrição de Barthes (1988) a respeito do peso desses atributos na prática de pesquisa.

Procurou-se levar em conta, durante o processo, a relevância de todos os elementos envolvidos no processo de pesquisa – o que tornava um texto lido “fácil” ou “difícil”, a sensação de proximidade ou discordância com esta ou aquela autora, a pluralidade e as dificuldades epistemológica dos estudos de Comunicação eram não apenas levados em consideração, mas discutidos em sua dimensão de importância para a pesquisa. Ao lado da racionalidade presente no processo de pesquisa, muitas vezes objetivada em prazos e normatividades institucionais, alocava-se espaço para pensar a subjetividade dos processos de pesquisa. A tensão complementar entre esses dois elementos, interseccionados muitas vezes sem uma solução de continuidade, era incluída entre os problemas epistemológicos com os quais se lidava na prática de pesquisa.

A partir dessas reflexões, nasceu uma curiosidade a respeito dos procedimentos de outras pesquisadoras e pesquisadores: como definiam seus objetos? E o referencial teórico? Chegaram de uma vez aos objetivos ou foram criando aos poucos? A escolha do procedimento metodológico foi um processo longo, ou rapidamente definiram como fazer a pesquisa?

A bibliografia corrente oferece poucas respostas a essas questões, sobretudo no âmbito da iniciação científica. Dentre as exceções, os textos de Becker (2006) e Guterres (2006), do Grupo de Pesquisas Processocom, da Unisinos, e o livro organizado por Vasconcelos, Tramarin e Moraes (2012), da Universidade Federal de Pernambuco – embora possam ser citados, em outra chave, os relatos de iniciação científica em Massi e Queiroz (2010). Apesar da qualidade desses textos, a preocupação desenvolvida nas reuniões de orientação permaneciam, e demandavam uma pesquisa empírica.

Optou-se pela entrevista com pesquisadoras e pesquisadores de iniciação científica, fechando o foco nos bolsistas de iniciação científica da Faculdade Cásper Líbero participantes do Centro Interdisciplinar de Pesquisa nos anos de 2016 e 2017. A proximidade e a familiaridade entre as pesquisadoras foram levadas em consideração e problematizado, sobretudo em termos das questões de ética da pesquisa. Entendeu-se, por outro lado, que um trabalho de sistematização e entendimento não poderia deixar de ter seu início no próprio espaço de formulação das perguntas, em uma situação ao familiar mas não completamente conhecida.

Foram entrevistadas 14 pesquisadoras e pesquisadores-bolsistas da instituição de ensino. O Centro Interdisciplinar de Pesquisa, fundado em 2000, já fomentou mais de uma centena pesquisas de iniciação científica, tendo alunas e alunos não apenas participado de eventos de pesquisa, como a Intercom e o Conic, mas também publicando seus trabalhos individualmente ou em co-autoria com a orientadora ou orientador. Entende-se, nesse sentido, que se trata de um espaço de relevância nas práticas acadêmicas, podendo, a partir desse estudo de caso, trazer alguns indicadores para pensar a iniciação científica em Comunicação.

A partir da discussão de textos sobre epistemologia da Comunicação, mas também sobre práticas acadêmicas, com as pesquisadoras de iniciação científica, o foco se concentrou na ideia da pesquisa como processo na “tomada de decisões”, no sentido já mencionado por Braga (2011). Cada etapa poderia ser questionada em relação às suas motivações e critérios, tanto no aspecto subjetivo – “gostar” de um objeto ou uma teoria, digamos – quanto relacionais, desenvolvidos conjuntamente nas reuniões de orientação, e mesmo institucionais, como os prazos ou as normas de escrita acadêmica.

As entrevistas foram realizadas pelas três pesquisadoras, em sua maioria presencialmente. Os encontros tiveram como parâmetro mais importante valorizar a escuta, procurando deixar os bolsistas à vontade para relatar suas escolhas de pesquisa. Realizadas entre setembro e dezembro de 2017, foram semi-estruturadas em tópicos desenvolvidos pelas pesquisadoras. Cada uma das bolsistas escolheu os colegas com quem conversariam, estabelecendo o horário e o local do encontro.

A Iniciação Científica no contexto da Pesquisa em Comunicação

Na pesquisa em Comunicação, a Iniciação Científica parece estar plenamente consolidada, embora não pareça existir um número significativo de pesquisas a respeito de seus procedimentos, processos e resultados. A existência de programas, publicações e eventos dedicados ao tema, no entanto, se constitui como forte evidência da importância que a Área confere à formação de novos quadros para a pesquisa, ao mesmo tempo em que mantém sua justificada preocupação com a habilitação de futuras e futuros profissionais. Os programas de iniciação científica em Comunicação sugerem, nesse sentido, a

busca de um equilíbrio entre uma formação “teórica” e a preparação “técnico-profissional” das alunas e alunos dos cursos.

A dimensão e o alcance da pesquisa em Iniciação Científica nos cursos de Comunicação pode ser entendido como uma indicação no sentido de superar – ou pelo menos avançar – uma persistente dicotomia apresentada em Lima (1983), e presente ainda hoje, entre a formação “técnica” ou “teórica” das alunas e alunos. O autor indicava, no início dos anos 1980, certa oscilação dos cursos universitários, tendendo ora para uma formação mais “teórica”, com destaque para a formação “humanística”, ora para o desenvolvimento das habilidades “práticas”, voltadas para um ensino mais “técnico”, no sentido da aquisição de um “saber fazer” às vezes de caráter instrumental.

Nesse aspecto, em termos contextuais, os processos de Iniciação Científica em Comunicação podem ser situados em um ponto de intersecção para o qual convergiam duas linhas de força que se situavam como obstáculos a um possível equilíbrio. De um lado, as pressões por uma formação “prática” e “profissional”, que acompanha certa democracia técnico-financeira na qual a universidade seria um complemento das demandas do mercado. De outro, o pouco acesso à pesquisa em Comunicação, restrita ao âmbito da pós-graduação *strictu sensu* e, portanto, distante do cotidiano das salas de aula e, mais ainda, das preocupações dos estudantes.

Vale observar, nesse sentido, a importância das chamadas disciplinas “teóricas” nos cursos de Comunicação, em particular Teoria da Comunicação e Metodologia de Pesquisa, como espaços nos quais alunas e alunos, geralmente nos primeiros semestres, tem contato com as práticas acadêmicas e as perspectivas de uma carreira de pesquisa.

A importância da Iniciação Científica no processo formativo de novas pesquisadoras e pesquisadores é atestado por diversos estudos, dentre os quais

Soares (2016), Lima (2016) e Queiroz (2016), indicam uma relação entre a participação nesse processo e os desenvolvimentos posteriores de uma carreira acadêmica. Um dos sentidos da implementação dos programas de iniciação científica, em particular do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, em 1988, pelo CNPq, foi no sentido de promover essa aproximação entre graduação e pós-graduação pela via da Iniciação Científica, argumentam Nogueira e Canaan (2009).

A iniciação científica oferece a alunas e alunos a oportunidade de observar a produção de conhecimento, não apenas participar de sua reconstrução em sala de aula. De certa maneira, coloca o estudante de graduação diretamente em contato com as fontes e os procedimentos de fundamentação do conhecimento de seu campo. Com isso, a imersão na “cozinha das ciências” tende a permitir, sugerem Massi e Queiroz (2010), a aquisição não apenas de novos conhecimentos ou habilidades mas, sobretudo, uma visão nova a respeito da Área e da profissão escolhida.

Trata-se, como indica Braga (2011), de formar uma “cultura de pesquisa” no âmbito dos cursos de Comunicação, que caminhe lado a lado com o desenvolvimento de uma cultura profissional relacionada às habilitações específicas.

Ao que tudo indica, os estudos sobre Iniciação Científica vem se desenvolvendo sobretudo no âmbito das pesquisas educacionais e pedagógicas, trabalhando, às vezes, desde um viés mais próximo da Sociologia da Educação ou das questões de currículo. O foco costuma estar no exame das práticas de Iniciação Científica como um todo, buscando compreender a totalidade do processo em suas relações com outros âmbitos, sobretudo profissionais e institucionais. As questões epistemológica da prática de iniciação científica, no entanto, parecem estar relegadas a um segundo plano – a

discussão sobre as possibilidades e, sobretudo, os problemas epistemológicas dentro de uma prática acadêmica não parecem ser objeto de maior interesse para os estudos já realizados.

Essa questão, no entanto, parece ser fundamental no âmbito de um programa de Iniciação Científica, sobretudo no caso da Comunicação. O recorte transversal da Epistemologia da Comunicação parece oferecer a pesquisadoras e pesquisadores de Iniciação Científica uma perspectiva diferente daquela possível quando as definições de pesquisa se desenvolvem em torno de um objeto.

Geralmente, alunas e alunos se aproximam da pesquisa de Iniciação Científica pela via do interesse em conhecer mais a respeito de um determinado objeto. Em que seja plenamente justificada e legítima essa aproximação, no âmbito das pesquisas em epistemologia a atividade de iniciação científica ganha outros contornos. O que se busca não é só o entendimento de um objeto empírico – embora isso não esteja, de maneira alguma, excluído – mas a compreensão dos processos de pesquisa. O caminho, como ressalta Ferrara (2013) “da epistemologia ao empírico” se dá no âmbito da construção do conhecimento não necessariamente a partir do questionamento sobre o empírico, mas dos fundamentos e possibilidades de se fazer perguntas.

Dessa maneira, o olhar sobre um objeto empírico é consequência da construção de uma visão epistemológica sobre a Área, englobando seus aspectos teórico/metodológicos, institucionais/universitários e pedagógicos/disciplinares. Essas três dimensões constitutivas da epistemologia ganham proeminência nas práticas de iniciação científica voltadas para esse campo, tornando-se uma possibilidade de exame de critérios e fundamentos das tomadas de decisão na prática de pesquisa.

Busca-se, dessa maneira, trazer também a noção de que as questões epistemológicas estão presentes, de maneira transversal, em todo e qualquer estudo da Área, assumindo um caráter questionador e investigativo, e de modo algum normativo ou prescritivo. Debruçando-se sobre problemas fundamentais da Área, a investigação de iniciação científica em epistemologia da Comunicação mostra um entrelaçamento fundamental e reflexivo entre a prática de pesquisa e as questões procedimentais que a acompanham.

Dedicando-se, entre outros temas, a pensar o estudo da Comunicação, a fundamentação de suas teorias, a construção de seus métodos e objetos, a epistemologia permite uma modularidade e uma riqueza de investigação proporcional aos desafios que ela representa, sobretudo para jovens pesquisadores e pesquisadoras. Não se trata de confrontar um objeto específico, acompanhado de um conjunto de conceitos e práticas metodológicas – um esforço considerável por si só – para conhecê-lo melhor, mas debruçar-se sobre algumas das questões fundamentais que alicerçam a Área.

A escolha do objeto

Ao iniciar um projeto de pesquisa em Iniciação Científica, a pesquisadora ou pesquisador lida com inúmeras escolhas de caminhos a serem percorridos. Inicialmente, pela escolha do próprio objeto de pesquisa.

Quando o pesquisador entra no meio acadêmico, geralmente é por sua paixão por algo e pela sua sede de conhecimento. Esta sede que fez com ele estivesse tão instigado a ponto de querer que o seu gosto pelo estudo e sua curiosidade se tornassem a sua profissão. Um dos elementos responsáveis por guiar os pesquisadores para a escolha de seu objeto não deveria ser a sua paixão por determinado assunto. Como se estabelece a escolha e a relação com

um objeto? O gosto e conhecimento prévio é ressaltado por alguns dos entrevistados:

Eu escolhi o meu objeto científico de acordo com os meus gostos prévios à iniciação científica. (Entrevistado 12)

A minha pesquisa é sobre a construção da identidade feminina em *Grey's Anatomy*, que é uma série que eu acompanho a muito tempo, eu sempre achei que eles tratavam as personagens femininas de um jeito muito mais real, muito mais sincero, não ofensivo e estereotipado que nem a gente vê por aí, sabe? (Entrevistada 06)

Como eu escolhi meu objeto? (...) Então, eu tenho uma certa proximidade pessoal com a cultura árabe e eu sempre me perguntei isso, assim, porque? (Entrevistada 09).

Para Marcondes Filho (2011, p. 6), na Comunicação não há o “privilégio dos sujeitos”, mas “um todo emaranhado de linhas e de ligações – sociais, históricas, políticas, culturais, econômicas, religiosas, subjetivas – e as pessoas são constituídas e constituem esse complexo”. É dentro delas que se encontra o objeto. Essa escolha implica uma ligação afetiva, quando ele “comunica” conosco de alguma forma, no sentido proposto pelo autor. Isso pode ser observado neste trecho de uma das entrevistas:

(...) se eu vou entrar na carreira acadêmica, que seja com um tema que eu minimamente me identifique e saiba pelo menos falar alguma coisa sobre o assunto. (...) Gostei de outros temas que eu tinha visto lá na lista mas eu falei: ah, meu coração segue na comunicação e acessibilidade e acho que vou ser feliz neste tema então é esse que eu vou fazer. (Entrevistada 01)

Não é só a escolha do objeto que é subjetiva. Se um objeto “fala” conosco – no sentido de Marcondes Filho (2011) – e está ligado à subjetividade, a abordagem que encontramos para ele também será subjetiva. Porém, é necessário tomar cuidado, pois nem sempre esta abordagem pode ser a que

consiga trazer todo o potencial do objeto, como indicado em uma das entrevistas:

Meu critério de escolha foi por um objeto que eu tivesse mais intimidade para, assim, ser capaz de compor uma análise teórica mais bem fundamentada. Pois, do contrário, a falta de familiaridade acarretaria em falta de conhecimento de causa (Entrevistada 05)

Braga (2011, p. 02) aponta que com a enorme gama de temas existentes dentro da pesquisa de Comunicação, é necessário tomar cuidado ao escolher a sua abordagem e é importante adaptar as teorias ao seu objeto: “as diferentes pesquisas solicitam diferentes aproximações, conforme suas perguntas e objetos; e mesmo táticas metodológicas comprovadas e pertinentes devem ser ajustadas a características concretas do objeto e ao desenho específico da investigação”.

Ao mesmo tempo, a escolha de um objeto não está separada das dinâmicas do campo acadêmico. A questão sobre existência de algum consenso em torno dos objetos, nesse caso, pode apenas à primeira vista ser uma forma de caracterizar uma área do saber, sobretudo quando existem divergências sobre isso mesmo no cânone teórico. O processo de escolha, nesse caso, se entrelaça com o conhecimento do campo:

Do meu objeto de pesquisa? Olha, eu comecei a ler os livros básicos que a [orientadora] me passou, e aí fui tirando o que gostei mais, o que gostei menos e fui focando no que eu gostei mais (Entrevistada 10)

É possível notar, na área da Comunicação, a existência de objetos e temáticas comuns – embora, em certos momentos, seja possível observar a preponderância de alguns assuntos. Sodré (2002), por exemplo, destaca a quantidade de pesquisas sobre a mídia e, recentemente, sobre um maior olhar voltado para a internet e tecnologia. O motivo, afirma, pode ser o financeiro,

pois os conglomerados de mídia são de grande importância dentro do capitalismo e, portanto, um objeto de pesquisa óbvio.

A definição da abordagem teórica

Não são poucos os textos, no âmbito das discussões epistemológicas, que observam as problemáticas de definição teórica do campo da Comunicação. França (2001), logo de início, afirmam que não há um consenso na comunidade científica no que diz respeito às suas bases. Aponta, então, a própria confusão quanto ao objeto da comunicação, se ele se trataria dos “meios de comunicação” ou do “processo comunicativo”, que se revela no momento de escrever o texto:

Aí vem o processo da escrita, né. Como é que eu vou filtrar tudo isso pra escrever? Não foi algo fácil, não foi simples, não foi impossível (Entrevistada 02)

O campo continua então com dificuldade de encontrar sua especificidade, a diferença que o faz único. França (2001, p. 5) propõe que a especificidade da área talvez não venha do objeto ou aporte teórico, mas do olhar do pesquisador sobre os diferentes e possíveis objetos de estudo.

Esta especificidade do olhar permite que as referências, ainda segundo França (2001), sejam cada vez mais amplas. Falta, nesse sentido, o direcionamento dado por um “paradigma”, definido pela autora como o “esquema cognitivo que nos conduz e nos instrui a ver uma coisa ou outra” (FRANÇA, 2001, p. 12). O paradigma seria o que “direciona a apreensão e tratamento das teorias; ele é definidor das perguntas a serem respondidas” (FRANÇA, 2001, p.12), um organizador das teorias vigentes. No âmbito da Iniciação Científica, segundo alguns dos entrevistados, essa atividade é construída em diálogo com o orientador:

A partir da linha de pesquisa do meu orientador, formei esse corpo de referências com o seu auxílio. Para tal, também consultei artigos da mesma temática publicados nos anais do Intercom e da Compós (Entrevistada 11)

Ainda sim, é a noção do ponto de vista que estrutura a comunicação enquanto campo. É o olhar, incidido sobre o objeto de pesquisa, que constrói as diferentes abordagens. É o olhar em comum, unido aos paradigmas da área, que fazem a pesquisa ser de comunicação.

A adoção de pontos de vista e paradigmas diferentes é justamente o que faz da área um espaço plural, permeado de subjetividades.

A relação de subjetividade do pesquisador com a pesquisa começa no início da atividade de Iniciação Científica, podendo se iniciar no tema ou no objeto, por exemplo, mas também perpassa a interação deste com o seu referencial teórico. Essa relação, que não deixa de ser uma relação comunicacional, é atravessada pela subjetividade do autor logo na escolha dos referenciais. A sensação de que “o texto me afetou”, seguindo uma referência indicada por Marcondes Filho (2011), pode ser entendida também como o momento em que o contato com o discurso de uma teoria da comunicação se constitui como fenômeno comunicacional:

eu já tinha contato com diversos materiais; a escolha se deu por afinidade com dois dos autores principais e, com o terceiro autor, apenas pela relevância em relação ao tema. (Entrevistada 08)

Neste sentido, a teoria tem que se estabelecer para o autor em um ambiente de constante atribuição de significado. É apenas na reflexão e na ressignificação que o texto cria seu efeito de afetar o leitor. Quando o leitor dá ao texto uma nova visão e recria um olhar diferenciado para o que já foi escrito,

constrói-se uma ponte entre o significado da teoria e a sua relação com a própria subjetividade do leitor.

Incide então um novo olhar sobre o referencial teórico, e é isso que possibilita o estabelecimento de uma relação de comunicação com o conhecimento, em termos amplos, e com a pesquisa, de maneira mais estrita. O objeto da pesquisa é então atravessado por uma nova teoria, ou até uma teoria suscita um novo objeto:

Antes de começar a pesquisa "principal" eu fiz uma revisão sistemática de literatura (estado da arte) sobre o tema. Depois de ter completado essa revisão, defini os caminhos a seguir. (Entrevistada 03)

Se a escolha de um referencial teórico é parcialmente subjetiva tanto enquanto fundamentadora da pesquisa quanto como ponto de partida para a pergunta da pesquisa, essa relação com as teorias se dá em um ambiente muito transpassado pela subjetividade do pesquisador. A própria afetividade se encontra presente nessas escolhas, que nunca são puramente racionais e objetivas, e nem, a priori, deveriam ser assim – a variedade de momentos da escrita sugere isso:

O processo de produção dos dois artigos se deu basicamente pelo combo seleção da bibliografia + reuniões de orientação + reuniões com o grupo de pesquisa + leitura + momentos solitários de escrita (Entrevistada 07)

Intrínseco a esta relação de subjetividade está também a escolha da citação direta. Um trecho, uma frase, um parágrafo é utilizado na íntegra pelo autor a partir do momento que há o fenômeno comunicacional. Ele é transcrito porque não pode ser reescrito; o trecho "falou", no sentido de Marcondes Filho (2011), com o autor de forma a compreender sua capacidade de recriar a ideia com as suas próprias palavras. O trecho em si se torna a adição à pesquisa, um

trecho poderoso o suficiente para comunicar o que o próprio autor não consegue.

A citação direta é o espelho dessa relação comunicacional anteriormente citada. Elas são o próprio fenômeno comunicacional, onde se há comunicação é porque houve de fato alguma mudança, alguma alteração no estado anterior do receptor. Ela não significa que houve uma ausência de comunicação com o resto do texto ou da teoria; muito pelo contrário, ela é de fato a prova de que a comunicação, nesta relação entre teoria e autor da pesquisa, realmente existiu.

O processo de elaboração do texto

O processo de pesquisa tem início e, de um ponto de vista subjetivo, pode ser identificado quase como uma espécie de convocação. Lança-se, joga-se naquilo que se apreende pela percepção e pensamento, tensionamento e hipótese na pesquisa, nunca finita, da iniciação científica ao pós-doutorado. E, no final, o processo avaliativo. Em que medida a a Comunicação, como “ciência básica tardia” (Signates, 2017) pode contribuir para desentranhar os significados de seu objeto no âmbito da pesquisa? E, pergunta central, de que maneira pensar a pesquisa como processo de Comunicação?

Se, como já alertava Sodré (2012), dos “apuros teóricos do campo da Comunicação” em sua defesa da produção de valor social, cultural e político em contrapartida à exclusividade da objetividade do conhecimento por ela gerado, a busca de suas características, torna-se caminho dinâmico, ora movediço, ora bem sedimentado, ao trilhá-lo.

Nesse ponto, a indeterminação do objeto de estudo seria então somente a ponta do iceberg no âmbito dos problemas da pesquisa em Comunicação: há outra indecisão ainda mais desafiadora, sintetizada por Ferrara (2013), que sintomatiza a difusão, ambivalência e contradição do comunicar e as

dificuldades científicas geradas pelas ambiguidades entre seus conceitos e a realidade. Se comunicar fosse um “simulacro ontológico” (Ferrara, 2013), como capturar e se capturar traria utilidade ao ecossistema. Este intrincado casulo teria suas feições passíveis de compreensão? Um dos entrevistados destaca esse tempo de maturação:

Ah, os processos são duradouros. Depois do ano passado, eu aprendi que os artigos merecem carinho e tempo, sabe? (...) Mas uma coisa é real: eu sempre aguardo por uma inspiração, pelo final de semana, pra ter tempo e me entregar a ele. (Entrevistada 04)

Se ao lermos identificamos ou ao escrever construímos um assunto que é próprio da seara comunicativa, âmbito compartimentalizado para fins de legitimação do campo e aumento do capital simbólico em relação às demais ciências humanas e sociais, as armadilhas das quais Barbosa (2002) menciona, ou seja, os estudos que privilegiam objetos empíricos à métodos de análise, teriam já sido superados.

Os paradigmas da comunicação circulam por entre Grupos de Trabalhos engajados nos congressos brasileiros ao longo dos anos promovidos no âmbito acadêmico. “Falamos de coisas muito parecidas, mas de modos diferentes”, pontua Braga (2017). Se o comunicar é o espaço da diferença em Ferrara (2013), é desse contraste de ideias que é possível se dedicar à pesquisa criando, sofrendo, atuando e agregando impactos:

às vezes fica uma ideia assim flutuando na sua cabeça e você não tem certeza se você vai conseguir concretizar aquilo. E ver que você consegue um pedaço quer dizer que você consegue o resto. (Entrevistada 06)

A validade da pesquisa se realizada com o devido rigor metodológico que permita ultrapassar o “eu acho”, convergir a interdisciplinaridade que crescente intersecções e não “desmilingues” na força individual de cada

matéria concorrente, a economia de desperdícios quando há univocidade ou polarização de discursos, a retórica na rua sem saída e a surdez epistemológica que cala o inventar, o revelar, o encontrar por acaso ou por propósito, já motivaria algumas das respostas articuladas para ampliações, ainda que não definitivas, diante de qualquer banca ou questão.

Considerações finais

O processo de construção da pesquisa acadêmica, desde sua formulação enquanto questão de pesquisa até o momento da escrita final, é um objeto geralmente problematizado nos livros e manuais de metodologia, nos quais essas práticas são, às vezes, tratadas mais em termos normativos e prescritivos do que analíticos. Esse processo é particularmente importante na Iniciação Científica, na medida em que se trata, na maior parte dos casos, do primeiro contato efetivo das estudantes com as práticas – o que, naturalmente, tende a levantar dúvidas e questionamentos.

O compartilhamento dos processos, com suas dúvidas, hesitações e dificuldades, talvez não resolva essas questões, mas mostra que hesitações, recomeços e mudanças são parte da atividade de pesquisa – e, de modo algum, um problema pessoal. Como recorda Bourdieu (1997, p.), “nada é mais universal e universalizável do que as dificuldades”. Em um sentido talvez menos negativo, saber quais foram os problemas enfrentados – e como foram solucionados – contribuir também para a sensação de inserção do participante de iniciação científica dentro da comunidade. Abre-se, assim, uma chance de dialogar não apenas sobre processos metodológicos, teóricos ou conceituais, mas também sobre caminhos e impasses da pesquisa.

É no encontro do sujeito com sua própria indagação e no encontro com o outro que as asperezas do real trabalhadas por Martino e Marques (2017) nos estudos e na vida, sugerem indícios de como reviver o experimento. Nesta descoberta, o pesquisador não está indiferente nem imune.

Referências

- BACHELARD, G. **Epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.
- BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BECKER, F. Reflexões de um quinto de pesquisadora. In: MALDONADO, A. E. et all. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- BIANCHETTI, L.; OLIVEIRA, A.; SILVA, E. L.; TURNES, L. A iniciação à pesquisa no Brasil: políticas de formação de jovens pesquisadores. **Educação**, Santa Maria, v. 37, n. 3, p. 569-584, set./dez. 2012
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: BertrandBrasil, 1997.
- BRAGA, J. L. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, vol. 10, no. 03, set-dez 2005.
- BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-Compós**, Brasília, v14, n1, jan.-abr. 2010.
- FERRARA, L. D'A. **A comunicação: da epistemologia ao empírico**. Trabalho apresentado no 23o. Encontro da Compós. Belém, maio de 2014.
- FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. In: MOTTA, Luiz Gonzaga; FRANÇA, V., PAIVA, R. e WEBER, M. H. (orgs.) **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: Revisitando um texto. Palestra proferida no **IV Seminário Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte, 21 a 25 de setembro, 2014.
- GUTERRES, A. Bolsista de iniciação científica: a ponte entre o cidadão e o pesquisador. In: MALDONADO, A. E. et all. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- LIMA, Luciana G. A. **A influência da iniciação científica sobre a pós-graduação**. Porto Alegre: UFRGS, 2016 (Dissertação de Mestrado).
- LOPES, M. I. V. O campo da comunicação. **Revista Famecos**, n. 30, p. 16-30, ago. 2006.

MARCONDES FILHO, C. "De repente, o prédio falou comigo". **Texto apresentado no 19º. Encontro Anual da Compós.** Anais. Porto Alegre, 4 a 6 de junho de 2011.

MARCONDES FILHO, C. A Comunicação no sentido estrito e o Metáporo. **Trabalho apresentado no 21º. Encontro da Compós.** Juiz de Fora, junho 2012.

MARQUES, A. C. S.; L.M.S. MARTINO . A comunicação, o comum e a alteridade: para uma epistemologia da experiência estética. **Logos (UERJ. Impresso)**, v. 22, p. 31-44, 2015.

MARTIN, M. de S. Que faire des conseils (ou de la absence de conseil) de son directeur de thèse?. IN: HUNSMANN, M.; KAPP, S. **Devenir chercheur: écrire une thèse en sciences sociales.** Paris: Ed. Ehess, 2013, pp. 63-79.

MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação:** muitas ou poucas? Cotia: Ateliê, 2007b.

MARTINO, L. C. Uma questão prévia: Existem Teorias da Comunicação? **XXX Congresso da Intercom.** Santos – SP, 2007a.

MARTINO, L. M. S. Da teoria à metodologia: um ensaio sobre a construção de projetos em Comunicação. **Revista Comunicação Midiática**, Vol. 11, no. 2, Ago-Dez. 2016 (prelo).

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. Afetividade do conhecimento na epistemologia da comunicação. **Texto apresentado no 24º. Encontro da Compós.** Anais... São Paulo: Cásper Líbero, 4 a 6 de junho de 2017.

MASSI, L.; QUEIROZ, S. L. **Iniciação Científica no Ensino Superior.** Campinas: Alínea, 2010.

NOGUEIRA, M. A.; CANAAN, M. G. Os "iniciados": bolsistas de iniciação científica e suas trajetórias acadêmicas. **Tomo**, n. 15, v. 1, Jul./Dez. 2009, pp. 41-70.

QUEIROZ, Alessandra S. **A formação acadêmica nos processos de Iniciação Científica. Joaçaba-SC:** Unioeste, 2016 (Dissertação de Mestrado).

SIGNATES, L. A. A comunicação como ciência básica tardia. **Texto apresentado no 24º. Encontro da Compós.** Anais. São Paulo: Cásper Líbero, 4 a 6 de junho de 2017.

SIGNATES, Luiz. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação na atualidade. In: BRAGA, J. L.; GOMES, P. G.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A. **10 perguntas para produção do conhecimento em comunicação.** São Leopoldo: Unisinos, 2013.

SOARES, Marisa. **A prática da pesquisa no ensino superior:** a iniciação científica como mediação da aprendizagem significativa . São Paulo: Uninove, 2016 (Tese de Doutorado)



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 6, Outubro-Dezembro. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n6p574>

VASCONCELOS, A. L. F. S.; TRAMARIN, R. F.; MORAIS, W. P. **Compreendendo os caminhos percorridos e construindo o conhecimento científico.** Recife: Ed. UFPE, 2012.